



“Ser cristão é um risco, ser humano é um grande risco” Cardeal Tolentino Mendonça

O “Movimento de Romeiros de S. Miguel- Associação “empenhar-se-á em fomentar uma vida mais perfeita, promovendo o culto público, através de iniciativas de evangelização, do exercício de obras de piedade ou de caridade, informando a ordem temporal com espírito Cristão. Na prossecução de tais desideratos, o MRSM coordenará as Romarias Quaresmais de S. Miguel, segundo os princípios Cristãos e Católicos, zelando pela sua Tradição e acompanhando a sua natural evolução de “caminhadas de fé”, quer na sua intervenção, quer na sua presença no seio das entidades e realidades da Igreja Católica e na sociedade civil.”

Objeto Social- Artigo 3º dos Estatutos do Movimento de Romeiros de S. Miguel

No próximo ano, continuam a não estar reunidas as condições para a realização das nossas queridas Romarias Quaresmais. Dada a necessidade de sermos conscientes e de zelar pela saúde pública, ficamos privados de experimentar com maior intensidade um longo rol de vivências humanas, em geral, e das Romarias, em particular.

Na Romaria precisamos de muito pouco para sermos felizes. As experiências interio-

res inolvidáveis vividas, particularmente na semana da caminhada física, onde testemunhamos a beleza de caminharmos juntos numa verdadeira fraternidade bem como a sublime e genuína afirmação identitária da nossa cultura. Esta deverá ser protegida de acordo com o regime jurídico indicado pela Direção Geral do Património Cultural Imaterial afirmando as nossas raízes para memória futura.



FOTO FERNANDO RESENDES

A tomada de consciência e o empenho na construção de uma sociedade melhor é um dever de todo o romeiro. Cada rancho e cada romeiro, incidindo nas suas localidades, é chamado a promover iniciativas proativas de promoção social, cultural e religiosa que combatam a degradação social. Fazemos um diagnóstico das nossas realidades e envolvamo-nos cada um onde se sente mais apto e motivado a contribuir ética e humanamente, pois a indiferença é o oposto do que é ser responsável, e também por isso, romeiro.

Para além disso, o romeiro responsável não se fundamenta em falsas ou desadequadas atitudes em nome de Deus, mas no Evangelho de Jesus e na Sua Igreja. Sejam autênticos e ativos arautos de um Mundo Novo, numa relação orante que nos mantenha em sintonia com Deus e com os irmãos, com ações propícias que contribuam para essa construção ao fazer perdurar no tempo os valores das nossas Romarias particularmente da partilha, da fraternidade, da fé, da esperança e da caridade.

JOÃO CARLOS LEITE
PRESIDENTE DO GRUPO
COORDENADOR DO MOVIMENTO
DE ROMEIROS DE S. MIGUEL



Solidariedade ou trampolim?

Às portas das festas do Natal, somos inundados por luzes e publicidades. Nesta quadra tão “querida” não ficam para trás os gestos e sentimentos, que, pelo menos uma vez por ano (deveriam de ser muitas mais vezes), nos reúnem e nos fazem sentir diferentes. Um dos gestos mais típicos desta quadra é a solidariedade. Arrisco a qualificar dois tipos de solidariedade. A primeira é anónima e a segunda é publicitada. Mais vale a primeira do que a segunda. Enquanto a primeira dá e “bico calado”, a segunda dá... mas “canta sem parar”.

Num mundo que vive de imagens e para a imagem, a solidariedade publicitada é uma vergonha. É escandaloso fazer dela um trampolim de projeção pessoal, um meio de autopromoção, uma busca enganada de “likes” descomprometidos nas redes sociais. Publicar o que se dá, é humilhar quem recebe, pensando que se engrandece quem dá.



Dar não significa mostrar. Dar é fazer sem aparecer. Dar é fazer calar o som das trombetas, enrolar a passadeira vermelha e apagar as luzes dos holofotes. A solidariedade deve ser feita no abraço e no acolhimento daquilo que nos diz São Mateus no seu Evangelho: “quando deres esmola, que a

tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita” (Mt 6, 3). O silêncio é o segredo da solidariedade. E isto porque a solidariedade não tem dia nem hora, nem está refém de uma data do calendário. Não pode nem deve ser confundida com sensibilidades instantâneas e superficiais.

Evitemos a avareza que estrangula o desejo de dar e a cobiça que impede a vontade de servir. A solidariedade não deve perder tempo com preconceitos estereis na luta contra a pobreza. A dificuldade está em (re)inventar formas de ajudar a garantir um futuro digno a quem precisa. Garantir um futuro aos carenciados do nosso tempo, vai muito além do simples gesto de ir com a mão ao bolso. É urgente criar neste teimoso cenário pandémico modos e formas de solidariedade.

A solidariedade é um convite e um desafio. Um convite a sairmos do nosso comodismo. A trocar as pantufas pelas sapatinhas, a dobrar a manta e levantar do sofá. Um desafio a irmos mais além. Promover o encontro de dar o pouco que temos a quem nada tem e utilizar o tempo que temos com quem mais precisa. É sair da zona de conforto, do individualismo que sufoca, do egoís-

mo requintado e refinado que impede de ver o que há a fazer e pode ser feito. Basta querer e ter vontade, e deixar de lado os juízos precipitados e os julgamentos preconceituosos. Ser solidário, é entrar num mundo diferente, num caminho lado a lado, de mãos dadas com quem muitas vezes apenas quer um simples sorriso, uma presença, um abraço. É fazer-se próximo e não aprisionar a generosidade. Ser solidário sem protagonismos é uma arte que carece de aprendizagens. É tempo de sensibilizar para a solidariedade desinteressada. Esta ajudanos a concentrar o olhar no essencial e superar as barreiras da indiferença”.

Solidariedade é um cuidar invisível. ♦

PE RUI SILVA
PÁROCO E OUVIDOR DE SANTA MARIA
E CONTRA-MESTRE DO RANCHO DA
RIBEIRINHA